

Grande Vitória esconde 'oásis' no caos urbano

Fotos de Evaristo Borges

Cíntia Bento Alves

Em meio à agitação da vida urbana nas cidades da Grande Vitória, ainda há espaços que lembram cidadezinhas do interior, bucólicos e de trânsito sossegado. Verdadeiras ilhas de tranquilidade, bairros como Fradinhos, a poucos minutos do sufoco do centro de Vitória, ou Manguinhos, na Serra, conservam a natureza e a calma que um dia já existiu em locais como Praia do Canto e Jardim da Penha, hoje tumultuados pela falta de segurança e trânsito engarrafado.

Para a classe média, essas "ilhas" são a opção de quem busca qualidade de vida e a possibilidade de morar em boas casas, já que nas áreas nobres da região metropolitana os preços são proibitivos para a maioria da população. Entre as vantagens apontadas pelos moradores, está a tranquilidade para criar os filhos, longe da violência que já chegou aos bairros mais agitados. Para os arquitetos, a topografia de certos bairros ou a sua localização são determinantes para garantir que continuem a ser o que são.



Em Cariacica, ainda há bairros nos quais a tranquilidade resiste ao tempo

O comerciante Marcelo Peixoto, 28, aproveita o horário do almoço para dar um mergulho ou andar na praia, em Manguinhos. Quando morava em Vitória não fazia isso. "Tinha a casa aqui e resolvi mudar. Não troco Manguinhos por nada", afirma, ressaltando que assim fica mais próximo à sua loja, em Laranjeiras, mas que esse não foi o fator de maior peso na decisão de se mudar para o bairro.

"O que me atrai é a tranquilidade, o contato com a natureza e a liberdade de andar à vontade", disse, enumerando algumas das qualidades do bairro, antiga vila de pescadores que aos poucos foi sendo descoberta pelos veranistas. Muitos acabaram concluindo que dois meses no bairro era pouco e mudaram-se de vez.

As características do local, no entanto, tiveram poucas alterações. Não há asfalto e são poucos os pontos de comércio. Anailza Carrareto, 42, mora e trabalha em um posto de saúde do bairro há 19 anos e lembra-se de poucas mudanças ao longo desse tempo. Seus dois filhos, de 16 e 9 anos, apesar de terem que se deslocar do bairro para ir à escola, foram criados "soltos".

A funcionária pública não tem nenhum membro da família que já tenha sido assaltado, e destaca ainda que não teria condições de morar tão perto da praia em outros locais, devido ao preço. "Só no verão é que isso aqui fica agitado, principalmente depois do Transcol, que facilitou o acesso", ressaltou.

Centro

Em Manguinhos, os moradores ainda têm alguma distância da capital. Em Fradinhos, no entanto, a localização é privilegiada, a poucos minutos do centro e da Zona Norte de Vitória. Cercado pelo morro da

Fonte Grande e com uma vista privilegiada para a Pedra dos Dois Olhos, o bairro, apesar do terreno acidentado, tem atraído cada vez mais a classe média.

O funcionário público estadual Eduardo Salazar, 45, um dos moradores mais antigos do bairro, conta que quando chegou ao local, há 20 anos, a região era conhecida como Pombal, contando com algumas poucas casas humildes, de 36 metros quadrados, em um conjunto.

"Vim para cá por ser a opção mais barata e próxima do trabalho. Depois a classe média descobriu e o perfil do bairro mudou, houve valorização mas os preços ainda são acessíveis", destacou, lembrando que a transformação começou há pelo menos 12 anos e que os moradores antigos também foram aos poucos melhorando suas casas.

No bairro não há nenhum tipo de comércio, mas não há dificuldades devido à proximidade com os bairros

da Grande Maruípe. "Comércio atrai movimento, é melhor ficar assim", acredita Salazar, ressaltando que o fato de não ter havido invasão naquela parte do morro garantiu a tranquilidade dos moradores, que passeiam sem medo pelas trilhas na mata. O mesmo clima, embora com um pouco mais de infra-estrutura e menos de natureza, pode ser observado em bairros próximos, como Maruípe e Santa Cecília.

Interior

Em bairros como as sedes das cidades de Cariacica e Serra, a impressão é de estar em uma cidade do interior, com a típica igreja antiga e a praça. A sensação é ainda mais forte na sede de Cariacica, onde o tempo parece ter parado. No Bar Social, próximo à praça, a inscrição na parede indica a data de construção: 1921.

O proprietário do local, Luiz Carlos Rodrigues Pina, 57, nascido e criado no bairro, lembra que até se tentou fazer do local o centro nervoso do município, que já se tornou a prefeitura, delegacia e fórum, aos poucos transferidos para o bairro Campo Grande.

"Aqui nós vivemos em família. Se precisamos de ajuda é só gritar que todo mundo acode", lembra o senhor Luiz Carlos. Dos quatro filhos, já adultos, três continuam morando no bairro e apenas um se mudou, para a Praia do Canto. "Gosto de passear por lá, mas volto logo. Jamais adaptaria-me àquela agitação", considera ele, que nunca viu dificuldades em morar no local.

"A locomoção aqui é bem viável, meus filhos todos estudaram em Vitória e nunca tiveram problemas", avalia, considerando que por estar localizada no alto a sede tem ainda a vantagem de contar com ar mais puro.



Luiz: se precisar, todos acodem

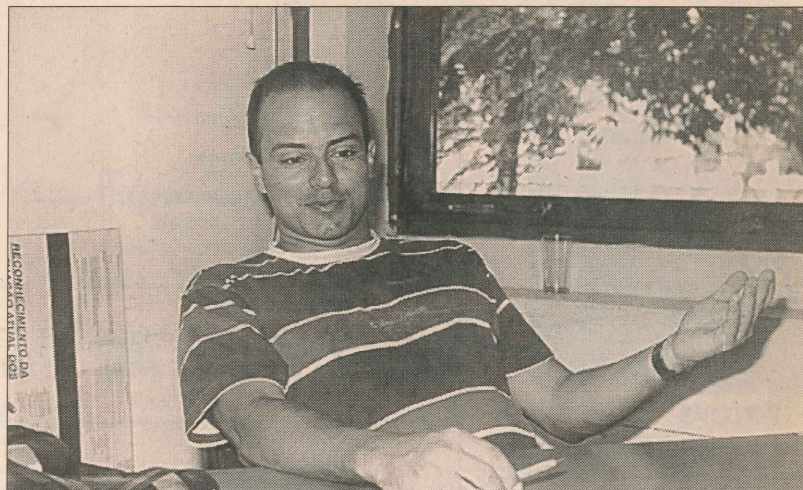
Comércio afasta sossego de bairro

O que faz determinados bairros permanecerem tranquilos mesmo com a agitação ao redor? Para o arquiteto e chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Marco Romanelli, o sossego é garantido em muitos casos quando o local não está localizado nos chamados "vetores de crescimento", onde há tendência de expansão das cidades.

"Esses locais geralmente têm preços mais acessíveis, além da tranquilidade", avalia, ressaltando que o que era considerado periferia da cidade hoje já não é mais. Os bairros que não estão localizados nas proximidades dos eixos de circulação da cidade tendem a ser mais sossegados, por terem menos comércio.

Romanelli considera que se pode prever o crescimento e ordená-lo de forma que haja zonas restritas nos bairros para comércio e agitação. Ele considera que não se conseguiu fazer isso, por exemplo, na Praia do Canto, onde o comércio hoje é distribuído por todo o bairro.

Para quem busca tranquilidade, é preciso verificar na hora de escolha do local a que tipo de uso está desti-



Para Marco Romanelli, fora dos eixos de circulação é possível ter sossego

nado, se a construção de casas ou apartamentos, se permite comércio ou não. Para quem quer sossego, as vias principais sempre devem ser evitadas, pois fatalmente é ali que se concentrará o agito.

Ele considera que alguns bairros perderam suas características iniciais, porque há dificuldade de planejamento do poder público. "Além disso, nós, planejadores, damos muitas cabeça-

das, como acreditar que a cidade está sempre errada e o planejador, sempre certo", considera, dando o exemplo do desenho feito do novo arrabalde, por Saturnino de Britto, há 100 anos.

"A via principal estava prevista para a altura da César Hilal, sendo que o bonde passava onde hoje é a Avenida Vitória. O povo preferiu a passagem do bonde", observou.

Os arquitetos e técnicos do Insti-

tuto Jones dos Santos Neves (IJSN), Flávio Barros e Márcia Zanotti, lembram ainda as restrições impostas pelo Plano Diretor Urbano (PDU) dos municípios, que restringe o uso em muitos bairros. É o que acontece em Fradinhos, onde não é permitido comércio, ou na Prainha, em Vila Velha, que permanece da mesma maneira por seu patrimônio histórico. As limitações, nestes casos, não tornam atrativos grandes empreendimentos imobiliários.

"As grandes mudanças estão em torno dos pontos de passagem nas cidades. Se o bairro não faz parte, tende a manter as mesmas características", afirma Flávio Barros. Ele lembra, no entanto, que o planejamento não é estático e que mudanças inesperadas podem acontecer de acordo com a necessidade.

A arquiteta Márcia Zanotti ressalta, ainda, que a partir da década de 70 os movimentos populares se tornaram mais fortes e, em certos casos, têm muita influência sobre as decisões nos bairros. "A sociedade muitas vezes consegue segurar empreendimentos que teriam grande impacto no seu bairro", considerou.

Áreas nobres são mais assaltadas

Enquanto que a Praia do Canto, uma das áreas mais nobres e disputadas da cidade, ocupa o segundo lugar em número de ocorrências policiais na Grande Vitória, com 1.230 registradas no primeiro semestre deste ano, perdendo apenas para o centro de Vitória, que teve 1.261 ocorrências, o número é reduzido nos bairros mais tranquilos.

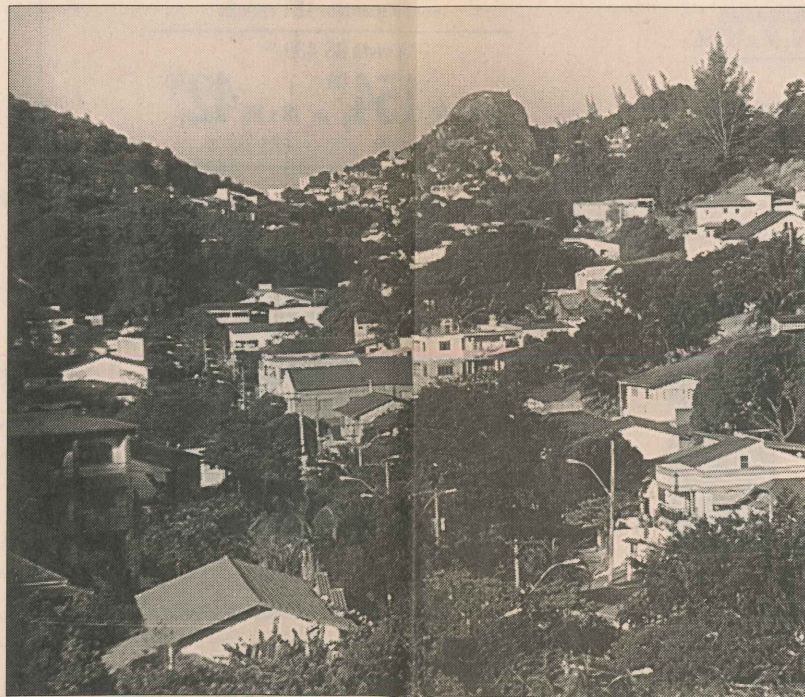
O número expressivo de ocorrências se repete em outros bairros disputados, como Jardim da Penha (1.193 no primeiro semestre), Jardim Camburi (855) e Praia da Costa (453).

No outro extremo, também com um número elevado de ocorrências, estão os bairros carentes ou próximos a invasões, como é o caso de Jacaraípe, onde foram registrados 1.106 ocorrências no primeiro semestre, e Jardim Limoeiro, com 681. São Pedro, em Vitória, esteve durante três meses na lista dos 15 bairros com maior número de ocorrências.

Em contraste com estas áreas, que já perderam a tranquilidade, os bairros intermediários apresentam número reduzido de ocorrências. Fradinhos, no primeiro semestre deste ano, teve 12 problemas de segurança, com dois roubos e dois roubos em residências.

Em Manguinhos, foram 43 ocorrências, sendo a maioria furtos e crimes contra o patrimônio. Na sede de Cariacica, que apresenta um maior número de moradores, foram 62 ocorrências e na Serra sede, 98, pouco mais do que em Maruípe, que registrou 92 ocorrências.

A segurança faz com que em bairros como Manguinhos ou mesmo Fradinhos, as casas não tenham altos muros ou tantas grades. "Nunca me preocupei em colocar grades, porque embora ainda ocorram alguns assaltos, é pouca coisa. Todos aqui podem sair tranquilos à noite, afirmou a dona-de-casa Maria Nazareth Ribeiro, 43, moradora de Manguinhos.



Fradinhos teve apenas 12 problemas de segurança no primeiro semestre